

Narrar, comentar, interpretar, criar: biografia, jornalismo e história em *Che Guevara, a vida em vermelho*, de Jorge G. Castañeda, e *Che Guevara: uma biografia*, de Jon Lee Anderson*

Mônica Cristina Andrade

Graduada em Comunicação Social (UNICENTRO)

Resumo: Este artigo analisa a produção do discurso biográfico sob a perspectiva de profissionais do jornalismo e da história. No intuito de compreender as questões metodológicas de cada área e relacioná-las ao modo peculiar de elaboração do gênero biográfico, examinar-se-á duas biografias que tratam do mesmo personagem, o líder revolucionário Ernesto Guevara de La Serna. Uma delas, *Che Guevara: uma biografia*, do jornalista estadunidense Jon Lee Anderson, e a outra, *Che Guevara: a vida em vermelho*, do historiador mexicano Jorge G. Castañeda (ambas publicadas no Brasil em 1997). A interpretação dessas obras serve para verificar as semelhanças e diferenças entre biografias escritas por historiadores e jornalistas. Para tanto, foram utilizadas referências teóricas e de método provenientes de estudos historiográficos e jornalísticos.

Palavras-chaves: Biografia; Jornalismo; História.

Abstract: This article analyzes the production of biographic discourse under the perspective of Journalism and History professionals. In order to understand the methodological issues in each field, in relation to the rather peculiar elaboration in the genre of biographies, two biographies on the same character shall be examined – the revolutionary leader Ernesto Guevara de La Serna. *Che Guevara: A Revolutionary Life* by North-American journalist Jon Lee Anderson, and *The Life and Death of Che Guevara* by Mexican historian Jorge G. Castañeda (both published in Brazil in 1997). The interpretation of such works verifies similarities and discrepancies between biographies written by historians and journalists. In this sense, the theoretical and methodological references used were gathered from historiographical and journalistic studies.

Keywords: Biography; Journalism; History.

Resúmen: Este artículo tiene como propuesta analizar la producción del discurso biográfico sob la perspectiva de los profesionales de periodismo y de la historia. En el intuito de comprender las cuestiones metodológicas de cada área y relacionarlas al modo peculiar de elaboración del género biográfico, examínarsela dos biografías qué tratan del mismo personaje, el líder revolucionário Ernesto Guevara de la Serna. Una de ella, *Che Guevara una biografía*, fué produzida por el periodista norteamericano Jon Lee Anderson. La outra es de autoria del historiador mexicano Jorge G. Castañeda, intitulada, *Che Guevara: la vida em rojo*. Ambas fueron publicadas en el Brasil en el año de 1997. La interpretación de esas obras son para verificar las semejanzas y diferencias entre biografías escritas por hitoridores y periodistas, entre otros aspectos. Para tanto, serán utilizadas referencias teóricas y del método provenientes de estúdios historiográficos y periodistas.

Palabras-clave: Biografía; Periodismo; Historia.

Este estudo tem como proposta analisar a produção do discurso biográfico a partir da interpretação de questões como a relação dos biógrafos com suas fontes, a construção narrativa de uma biografia, a maneira como a trajetória de um personagem é reconstruída, as diferenças e semelhanças entre biografias escritas por jornalistas e historiadores. Esses são, fundamentalmente, os elementos a serem analisados e, para fins de exemplificação e comparação, utilizar-se-á as biografias de Ernesto “Che” Guevara feitas por Jorge G. Castañeda – destacado diplomata, historiador e editorialista em diversos periódicos –, intitulada *Che Guevara: a vida em vermelho*, e de Jon Lee Anderson – biógrafo e jornalista investigativo internacional –, intitulada *Che Guevara: uma biografia*.¹ Em suma, este artigo é uma tentativa de compreender os métodos e teorias que os biógrafos utilizam para construir a *personae escrita*, pautado em referenciais teóricos do campo da história e do jornalismo.

“Falar de história de vida é pelo menos pressupor que a vida é uma história e que uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”.² Para o sociólogo Pierre Bourdieu, esse conceito simplista de biografia requer muito cuidado. Ele, assim como outros estudiosos do assunto, recusa a idéia de que é possível biografar uma vida de modo coerente, linear e orientada a um fim. Isso porque a vida é cheia de imprevistos, é descontínua e sem sentido aparente. “Caberia, então, aos biógrafos, acompanharem o ‘fazer-se’ (parodiando Thompson) dos personagens ao longo de suas existências, levando em conta os diferentes espaços sociais onde eles atuaram, mas também suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e mesmo o acaso”.³ Quando Bourdieu se refere à ‘ilusão’ biográfica, é nesse sentido que o faz: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.”⁴

Essas questões acerca da impossibilidade de uma biografia, mencionadas por Bourdieu, há muito são peculiares à historiografia. Isso porque “as questões

¹ Uma menção sobre a biografia de Anderson: enquanto efetuava pesquisas para o livro, ele encontrou o local desconhecido no qual Guevara tinha sido enterrado na Bolívia, o que permitiu a exumação de seus restos mortais.

² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183.

³ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas: o que há de novo. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org) *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p.67

⁴ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.185.

e os esquemas psicológicos e comportamentais, puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis”. O historiador se limita, na maioria das vezes, às fontes, que não apreendem a totalidade de uma existência. Uma pessoa não é representada somente pelo que se encontra dela nos documentos, já que estes nem sempre contemplam a complexidade de suas ações. “As fontes de que dispomos não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas, ou seja, acerca dos atos”. E essas limitações documentais, levam muitas vezes a explicações “monocausais e lineares”.⁵

Nesse sentido, as considerações de Bourdieu são pertinentes. Os historiadores, cientes de suas limitações, estão cada vez mais superando essas dificuldades, na medida em que reavaliam sua retórica própria. Tais preocupações também estão presentes em outras áreas de conhecimento, sobretudo naquelas vinculadas às humanidades.

Segundo Bourdieu, é indispensável, ao se produzir uma biografia, reconstruir o contexto no qual age um indivíduo, ou seja, “não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis”. Somente dessa maneira pode-se atingir a “superfície social” de um indivíduo, que é a sua capacidade de existir como agente em diferentes campos.⁶

É inerente ao ser humano tentar dar sentido às coisas e, no caso das biografias, isso é explícito. Expressões como, ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’, ‘sempre’, são um exemplo dessa necessidade constante em dar um sentido à vida do biografado, como se tudo tivesse sido predestinado para um fim objetivo. Essa prática pode ser verificada, por exemplo, na obra de Jorge G. Castañeda, como uma necessidade em entender de que forma Ernesto Guevara de La Serna tornou-se um ícone. O autor tenta dar sentido à vida de Che Guevara desde coisas aparentemente banais, até os aspectos mais representativos, como nos trechos a seguir:

⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.168 e 173-174.

⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.190.

Três explicações podem ser dadas para a decisão de Ernesto Guevara de la Serna de ingressar na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. A primeira foi a morte de sua avó, Ana Lynch, motivo que goza de numerosos adeptos, em virtude da coincidência no tempo com a resolução do candidato a engenheiro, já matriculado na Escola de Engenharia, de estudar medicina. [...]. A segunda explicação diz respeito ao câncer mamário detectado em Celia de la Serna Guevara, um diagnóstico que abalou profundamente seu filho. [...]. Por último, há a tese de que Ernesto estudou medicina em busca de um alívio para sua própria enfermidade respiratória. Além do peso dos testemunhos em seu apoio, ela possui uma poderosa justificativa intrínseca.⁷ [...] [...] Um dos episódios mais citados da biografia do Che é o que Alberto Granado relatou: sua própria detenção em Córdoba, em 1943, por ter assistido a uma manifestação estudantil antigolpista. Quando Ernesto o visitou no comissariado de polícia, Granado pediu-lhe que convocasse com outros amigos manifestações dos secundaristas. Segundo a versão consagrada, o Che respondeu, atônito: “Sair em passeata para que caiam em cima de nós? Nem louco. Eu só saio se levar um bufoso [uma pistola]”. Mais que um sinal premonitório da vocação revolucionária ou mesmo da propensão para a violência, o incidente denota no Ernesto Guevara de dezesseis anos uma combatividade desnordeada e uma idéia da correlação de forças: não convém brigar se não se pode ganhar.⁸

Nesse sentido, o historiador Benito Bisso Schmidt, em análises de biografias recentes, percebeu que muitos biógrafos buscam ainda na infância uma espécie de predestinação para as atividades futuras de seus biografados. O autor não nega a “importância dos anos de formação no direcionamento das trajetórias de vida”, mas questiona a narrativa coerente construída posteriormente à essa vida. Assim, é possível perceber, como indica Schmidt, que Jon Lee Anderson identifica já nos primeiros anos da vida de Che suas características posteriores: “Os traços da personalidade de Ernesto Guevara, que iriam evoluir e amadurecer nos anos subseqüentes e que assumiriam dimensão lendária no adulto, já estavam presentes no menino. Seu destemor físico, sua inclinação para liderar os demais, sua teimosia, seu espírito competitivo e a autodisciplina já se manifestavam todos claramente no jovem “Guevarista” de Alta Gracia.”⁹

⁷ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.41-42 e 44.

⁸ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.38.

⁹ ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. p.39.

Diferentemente, Castañeda deixa muito claro que a politização de Che Guevara iniciou-se do contato com Fidel Castro, como se pode perceber neste trecho, entre tantos outros: “Foi em julho de 1995 que Ernesto Guevara conheceu Fidel Castro e descobriu o caminho que o conduziria à glória e à morte”.¹⁰ Assim, Castañeda acredita que Che Guevara começou a adquirir suas características revolucionárias aos 27 anos. Do nascimento até esta idade, Castañeda não encontra nenhum indício que sustente a idéia de predestinação revolucionária – o que não significa que não tenha atrelado muitas das características do Che ainda menino à sua fase adulta, como faz Anderson. Porém, Castañeda aponta o momento em que Che conhece Fidel Castro como a transição entre o homem de antes e o de depois. Além do mais, discorda de um e outro biógrafo que tenha enxergado essa politização do Che em algumas etapas de vida anterior àquela proposta por ele, como nesta nota:

[...] o jornalista francês Jean Cormier, o mais recente biógrafo do Che, atribui enorme importância à visita à mina, transformando-a quase em um momento fundamental do despertar político de Che Guevara: “É em Chuquicamata, entre 13 e 16 de março de 1952, que Ernesto Guevara começa a se converter no Che (...) depois de Chuquicamata, ele se encontra em estado de incubação revolucionária” [...]. Talvez; mas nada nas palavras do Che atesta essa transformação, nem nesse momento, nem pouco depois.¹¹

Bourdieu, também aponta que os relatos autobiográficos são arditos, porque estabelecem uma consciência e uma coerência, ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva. “Essa propensão a tornar-se o ideólogo de sua própria vida, conta com a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido”.¹² Tais considerações se tornam significativas na medida em que Castañeda, ao utilizar os vários textos escritos pelo próprio Che Guevara – cartas, diários, relatórios, ensaios – não os aceita como algo acabado em si. Assim como as fontes de outra natureza, esses relatos autobiográficos são contestados e, quando possível, verificados, como nos trechos a seguir:

¹⁰ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.99.

¹¹ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.67.

¹² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.184-185.

Para Ernesto Guevara, a viagem pela América do Sul foi uma espécie de epifania pessoal e política. Mas não devemos necessariamente tomar ao pé da letra sua avaliação da natureza e da magnitude da mudança ocorrida em seu caráter e visão de mundo. [...] A lenda da politização e militância atribuída a essa viagem, que foi criada em diversas biografias e relatos da juventude do Che, porém, não se ajusta a suas anotações. [...] Justamente nas semanas em que articulava seus pensamentos e dúvidas sobre a apatia e o infortúnio dos índios peruanos, por exemplo, estourou a revolução boliviana de 1592, a primeira rebelião de camponeses indígenas desde o levante zapatista no México, meio século antes; o acontecimento não é mencionado do diário de viagem do Che.¹³[...] [...] O Che simplesmente delirava quando escreveu, já de volta a Buenos Aires: “Estarei com o povo; tingirei de sangue minha arma e, louco de fúria, degolarei meus inimigos vencidos. Já sinto as narinas dilatadas saboreando o acre odor de pólvora e sangue, da morte do inimigo”. Em nota: Ernesto Guevara, *Mi primer gran*, p.187. Várias pessoas que leram essas passagens do diário e conheceram o Ernesto dessa época têm dúvidas sobre sua autoria. É o caso de Chichina Ferreyra, que o sugere em carta ao autor, 22 de agosto de 1996.¹⁴

O historiador Jacques Le Goff, em sua biografia sobre Luís IX, contrapõe-se à “ilusão biográfica” denunciada por Bourdieu, quando diz que “uma vida pode ser ilusoriamente concebida como predeterminada por sua função e por sua perfeição final”. O autor procurou superar a coerência de um trajeto de vida, elemento tão criticado por Bourdieu, na medida em que tentava “mostrar que Luís se definia pouco a pouco através de uma sucessão de opções inopinadas”.¹⁵

São Luís não caminha imperturbavelmente rumo a seu destino de rei santo, nas condições do século XIII e segundo os modelos dominantes de seu tempo. Constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, de hesitações, de escolhas. É vão pretender imaginar uma biografia diferente do modo pelo qual, sabemos, ela se desenrolou. [...]. Luís teve de escolher. Teve de tomar as decisões que compõem em sua imprevisibilidade a personagem

¹³ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.74.

¹⁴ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.75.

¹⁵ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.23-24.

que será finalmente São Luís. E não evoco senão alguns dos acontecimentos importantes que exigiram dele decisões pesadas de conseqüências.¹⁶

Segundo Le Goff, o excesso de sentido e de coerência inerente a qualquer biografia consiste, principalmente, “na ilusão de que a narrativa reconstitui autenticamente um destino”. Ele afirma ter verificado, ao longo de sua pesquisa biográfica, uma falsa oposição entre a história narrativa e uma história estruturalista. Le Goff parte da idéia de que a história, “situando-se por definição no tempo, na sucessividade”, acaba atrelada à narrativa e esta nada tem de imediata, ao contrário, é um processo de interpretação e justificação.¹⁷

A biografia e as fontes: questões e propostas

Um dos limites existentes nas biografias está relacionado às fontes. Uma vida só pode ser reconstruída na medida em que há fontes que permitam isso, ou seja, é impossível uma biografia em sua totalidade. Uma produção biográfica relata alguns aspectos da existência de uma pessoa, e somente pode ser construída conforme a disponibilidade dos indícios dessa vida. Mais rica em detalhes e maior “confiabilidade” terá uma biografia, tanto quanto for recheada de entrevistas, documentos, cartas, diários e memórias.

Mas nem só de fontes é feita uma biografia. O biógrafo também é fundamental no resultado dela. “As fontes de um biógrafo são idênticas às de um historiador ou de um jornalista investigativo que trabalha para periódicos ou em seu próprio livro-reportagem”. Neste caso, o resultado de uma obra varia de acordo com o tratamento dado pelo pesquisador às fontes. Ou, conforme pondera o jornalista Sergio Vilas Boas: “Ponto pacífico que biografia é o biografado segundo o biógrafo. Em outras palavras, um trabalho autoral”.¹⁸ Contudo, o autor admite a existência de fatores que são alheios a vontade de um biógrafo, tal qual acontece na prática jornalística: “[...] igualmente, os fatos publicados nos periódicos refletem o valor editorial da matéria conforme a ideologia da empresa, os valores e desejos do leitor pesquisado, as decisões individuais e/ ou coletivas em cada departamento, os gostos pessoais de editores e chefes de redação, a cultura da cidade e/ ou do país. A combinação desses fatores irá determinar o espaço e o conteúdo da mensagem a ser veiculada.”¹⁹

¹⁶ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.23-24.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.23.

¹⁸ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p.11 e 53.

¹⁹ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p.54.

Quando indagado sobre a idéia de que sua biografia não fosse mais que uma interpretação pessoal sobre Che Guevara, deixando pouco espaço ao mito, Castañeda esclarece que a interpretação dos fatos é inerente a uma biografia e: “[...] está bem provado, até nas ciências exatas, que não há abordagem quanto a um objeto que prescindia de teoria prévia, nesse caso uma teoria da História, da luta armada, das condições que tornariam possível uma luta armada, da importância do carisma nas operações políticas latino-americanas. Não ocultei o fato.”²⁰

Podemos, então, constatar que, no caso da biografia, a interpretação dada aos fatos é inevitável, já que um evento/fonte ‘ganha vida’ somente através de sua narração – construída por um autor.

Mauro Wolf, teórico na área de Comunicação Social, também elucida a questão de toda obra ter, de alguma forma, uma relação estreita com o sistema (entende-se aqui por sistema, uma época, sociedade) no qual está inserido. “A rede de fontes que os órgãos de informação estabelecem como instrumento essencial para o seu funcionamento, reflete, por um lado, a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos”.²¹

Nesse sentido, é impróprio afirmar que uma obra é totalmente independente, não somente pelas várias limitações de fontes, como também por suas relações com o “sistema” e pela impossibilidade da total imparcialidade do autor.

Essas dificuldades enfrentadas pelos profissionais de história e jornalismo fazem parte de seus ofícios, e, por isso, cada vez mais, surgem estudos a respeito dessa prática. Segundo a historiadora Natalie Zemon Davis, a imparcialidade de quem escreve deve ser indicada na própria narrativa:

Quando me pus a tentar entender os historiadores que colaboraram com o nazismo, ficou ainda mais evidente que era necessário conhecer a posição das pessoas que estamos estudando, o lugar de onde elas vêm, mesmo que essa pessoa seja um Hitler. Em meu trabalho fiz, pois, um grande esforço para entender o que formou esses colaboradores, como se desenvolveu sua moralidade, e para lhes dar uma boa oportunidade, não de se tornarem corretos a meus olhos, mas de se tornarem plausíveis e compreensíveis quanto a determinadas trajetórias de vida e de certos valores de uma época. Identificar esses historiadores-colaboradores a

²⁰ CASTAÑEDA apud CHACÓN, Pablo. *Castañeda: cabe à História julgar Che Guevara*. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1972508-EI6580,00.html>>. Acesso em: 18 maio 2008. [1997].

²¹ WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Portugal: Editorial Presença, 2003. p.223-224.

partir de suas próprias vozes é algo que me parece extremamente importante. Mas, de outro lado, o historiador pode, de algum modo, querer introduzir sua própria voz no corpo do trabalho. [...] Mas, nesse caso, deve ficar claro para o leitor o que se está querendo fazer, de que perspectiva se está falando e onde o historiador está se colocando. Enfim, é muito importante que o historiador lance mão de uma estratégia literária para mostrar que a voz que agora fala é a dele próprio.²²

Esses elementos combinados resultam no produto final. E, no caso das biografias, a regra é a mesma. Segundo Sergio Vilas Boas, “quatro instâncias podem interferir no resultado da obra: o próprio biógrafo (autor e interpretante), os guardiões do passado do personagem [famílias, por exemplo], a empresa (editora) e a fidedignidade das fontes orais e escritas”.²³

Quanto à classificação das fontes, há especificidades, que variam conforme os teóricos/intérpretes. Sergio Vilas Boas chama de fontes primárias as que “não dependem do filtro da memória humana no presente da investigação”, e de secundárias “as fontes que dependem diretamente do exercício da lembrança”, isso porque considera estas menos confiáveis que aquelas.²⁴ Já Mauro Wolf classifica as fontes de acordo com o parâmetro a que se faz referência, por exemplo, distingue as fontes institucionais das oficiosas ou as estáveis por oposição às provisórias, as fontes ativas das passivas, segundo o grau de utilização. Fontes centrais, territoriais e de base são categorias individualizadas não só pela localização espacial, mas também pelo tipo de utilização que delas se faz quanto ao relevo e à “noticiabilidade” dos acontecimentos.²⁵ Para o historiador Jacques Le Goff, as fontes constituem uma multiplicidade de documentos: escritos ou orais, produtos de escavações arqueológicas, fotografias, filmes, estatísticas, ou seja, para a história nova, mais especificamente para os historiadores dos *Annales*, são todos documentos de primeira ordem. Porém, mais importante que a fonte em si, é a crítica que se faz dela. O documento passa por etapas, desde sua construção, até a sua escolha pelo historiador, que é ele próprio parcialmente condicionado por sua época e seu meio. “É preciso desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção”.²⁶ Em suma, independente da fonte utilizada, é consensual para esse historiador a crítica às fontes:

²² DAVIS, Natalie Z. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.88-89.

²³ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p.54.

²⁴ VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p.55.

²⁵ Cf. WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Portugal: Editorial Presença, 2003. p.223.

²⁶ LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (org) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.28-29 e 54.

A concepção de documento/monumento de Le Goff traz consigo a necessidade da crítica do documento enquanto monumento, ou seja como um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Portanto não existem documentos objetivos, inócuos, ou primários e todos necessitam deste tipo de crítica profunda. [...] Em linhas gerais no que diz respeito ao trato com as fontes documentais deve-se: ampliar o conceito de fontes; abordar necessariamente mais de uma delas; aprofundar a crítica radical às fontes – levando em conta a sua produção enquanto tal, bem como quem a produziu, porque o fez, com que intenção, quais seus interesses na sua produção, preservação e divulgação. Além disso, destaca-se também a necessidade de atenção às perguntas que se faz à fonte.²⁷

Nesse sentido, Castañeda, no decorrer de sua obra, faz uso da prática de verificação e contraposição de fontes sempre que há alguma contradição entre elas. O autor mostra as versões disponíveis de um mesmo assunto e, depois, toma partido de uma delas. Um exemplo disso é a passagem do livro na qual Castañeda tenta (através de um diálogo entre fontes) descobrir em que situação ocorreu a primeira crise asmática de Ernesto Guevara:

O pai da vítima não deixa muitas dúvidas sobre sua interpretação da responsabilidade pela desgraça: “Numa fria manhã do mês de maio, quando ainda por cima ventava muito, minha mulher foi banhar-se no rio com nosso filho Ernesto. Cheguei ao clube à sua procura com a intenção de levá-los para almoçar e encontrei o pequeno em trajes de banho, já fora da água e tiritando. Celia não tinha experiência e não percebeu que a mudança de tempo era perigosa naquela época do ano”. Todavia, esse não foi o primeiro mal pulmonar do menino; quarenta dias depois de nascer, ele foi atacado por uma pneumonia que, segundo Ercília Guevara Lynch, sua tia, “quase o mata”. Essa primeira infecção respiratória põe em dúvida a explicação paterna sobre a etiologia da asma do Che; o mencionado resfriado tinha seus antecedentes.²⁸

O modo como Castañeda e Anderson referenciam suas fontes, no decorrer da narrativa, é notadamente diferente. Castañeda tem uma preocupação em situar cada fonte utilizada ao longo do texto através da citação

²⁷ VIEIRA, Rosângela de Lima. História e Jornalismo: um diálogo metodológico. In: CARDOSO, Clodoaldo Meneguello (org) *Humanidades em Comunicação: um diálogo multidisciplinar*. Bauru-SP: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p.122-124.

²⁸ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.21-22

em nota. Esta é bem detalhada, com todas as informações sobre a procedência das fontes utilizadas. Esse método de referência demonstra um compromisso do autor quanto à comprovação do que se diz no texto. O leitor interessado e curioso, certamente, irá interromper sua leitura com frequência para constatar a procedência do assunto abordado. Por sua vez, aquele que não tiver esse interesse poderá ler normalmente sem interrupções. Ao utilizar esse método, Castañeda propicia essas possibilidades de leitura para seu público. Além disso, esse autor utiliza muitas notas de rodapé – já que prioriza muito a crítica às fontes – sempre que há um motivo para esclarecer, comprovar ou justificar uma questão.

Na biografia de Anderson, o aspecto formal é bem diferente. O autor faz referências às suas fontes, mas, na maioria das vezes, sem indicar os detalhes de sua procedência. As informações retiradas das fontes são “encaixadas” na narrativa, sem referência numérica. No final do livro, Anderson faz um apanhado das entrevistas e documentos utilizados na produção da obra, separados em “notas sobre as fontes” e “bibliografia selecionada”. Esse método não facilita a verificação da procedência das fontes, já que não está relacionado com o texto sistematicamente. Desse modo, sua leitura é muito mais fluente e agradável. O autor separa a sua fala da transcrição de um documento ou entrevista através de aspas, de modo a não interromper a linearidade da sua narrativa. Em suma, pode-se notar um maior comprometimento com a fluidez da narrativa do que com a proveniência das fontes.

A construção de um indivíduo: entre o mito e a história

É notória, nos últimos anos, a proliferação de biografias e as suas repercussões. Nos mais variados campos de atuação, pululam personalidades com seus trajetos individuais, sejam eles políticos, diplomatas, literatos ou intelectuais. Porém, o que se torna motivo de maior interesse para muitos biógrafos são os personagens tidos como ‘desviantes’, ou seja, “aqueles que procuraram, em diferentes períodos e locais, romper com os padrões sociais e morais vigentes”.²⁹ Isso, talvez, pelas especulações que giram em torno dessas pessoas ou, segundo Schmidt, pela maneira com que elas rompem com o “sistema” vigente, possibilitando a individualização e relevância histórica. É nesse sentido que atualmente há inúmeras biografias e memórias relacionadas a Ernesto Guevara de La Serna. Seu comportamento desviante, sua representatividade e sua notoriedade, tornam-no alvo dos interesses públicos:

²⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas: o que há de novo. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org) *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p.65.

“Diante de tais sentimentos, torna-se política e epistemologicamente relevante perscrutar, no passado, os espaços de liberdade dos indivíduos frente aos sistemas normativos e aos regimes opressivos, sublinhando suas possibilidades de individuação, de criatividade, de intervenção no curso dos acontecimentos.”³⁰

Outro tipo de personagem bastante retratado pelos biógrafos são os chamados ‘grandes homens’, ou seja, representantes das elites políticas, militares e intelectuais, em detrimento dos indivíduos pertencentes aos grupos subalternos. E o motivo mais recorrente para tal fato é a dificuldade de acesso ou escassez das fontes, uma vez que há sempre mais registros referentes a indivíduos vinculados às instituições públicas ou privadas; vinculados ao poder, de forma genérica. Porém, Schmidt acredita que, no campo da História, essa prática vem sofrendo mudanças. “Diversos historiadores – com o uso de muita criatividade na localização e leitura de novas fontes ou na releitura de documentos conhecidos – têm conseguido iluminar as vidas de personagens ‘comuns’, de populares. [...] No Brasil, percebe-se um movimento semelhante, como fica evidente nas biografias de militantes operários e de afro-descendentes escravos e libertos.”³¹

Schmidt entende que a preferência dos “biógrafos jornalistas” pelos ‘grandes homens’, se deve, provavelmente, a um interesse comercial, “já que o grande público busca conhecer sobretudo a vida dos mitos que, mostrados em sua humanidade, com seus tormentos e fraquezas, tornam-se ‘gente como a gente’”.³² Desse modo, Anderson, na introdução de sua biografia, confirma a opinião de Schmidt quando diz: “[...] tentei descobrir quem tinha sido Che Guevara e o que acontecera na sua vida. Acima de tudo, tentei compreender o homem por trás da mítica imagem pública”.³³ Em contraposição, as biografias de indivíduos subalternos são, em sua maioria, produzidas por historiadores que, com objetivos distintos dos jornalistas, procuram nesses indivíduos comuns uma possibilidade de lançar diferentes olhares sobre a história.³⁴ “Enfim, a qualificação

³⁰ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas: o que há de novo. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org) *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p.65-66.

³¹ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas: o que há de novo. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org) *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p.63.

³² SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2008. p.5

³³ ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. p.15

³⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2008. p.5

de elitismo atribuída ao gênero biográfico não se sustenta diante de um exame da produção historiográfica atual, na qual a idéia de ‘história vista de baixo’ já foi incorporada à análise de percursos individuais”.³⁵

É de comum acordo entre historiadores que todo homem é, em alguma medida, produto de sua época. Então, “qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica”.³⁶ Essa preocupação em relacionar um indivíduo ao seu contexto é pertinente em qualquer biografia. Segundo o historiador Giovanni Levi, há duas perspectivas ou formas de relação com o contexto. A primeira perspectiva atribui ao contexto histórico e social a tentativa de compreender o que, à primeira vista, parece incompreensível, ou seja, interpretar os comportamentos humanos dentro de um contexto que os torne possíveis. É o que Castañeda procura fazer ao longo de sua obra, seja tentando encontrar o momento inicial do despertar político de Che Guevara, seja interpretando o motivo de suas incansáveis viagens pela América, como nos trechos a seguir:

As viagens precoces e recorrentes do Che foram motivadas em grande medida pela curiosidade insaciável e pelo fascínio por qualquer coisa que fosse diferente, estranha e misteriosa. A série das já mencionadas ambigüidades que o rodeavam em Buenos Aires também podem ter contribuído para isso: a saúde indefinida da mãe e a situação dúbia do casamento dos pais.³⁷ [...] [...] A julgar por esses relatos, a politização do Che crescia a passos largos, mas nem sequer se aproximava da de um aspirante a revolucionário. Ainda persistia nele uma visão moral – imberbe, se se quiser – da política.³⁸

A segunda perspectiva confere ao contexto a função de “preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida

³⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas: o que há de novo. In: PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila; COSTA, Flamarion Laba da; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org) *História, linguagens, temas: escrita e ensino da história*. Guarapuava: Unicentro, 2006. p.63.

³⁶ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.176

³⁷ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.53.

³⁸ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.65.

apresenta alguma analogia, por esse ou aquele motivo, com a do personagem estudado”.³⁹

Essa relação entre indivíduo e contexto histórico está explícita na biografia de Jorge G. Castañeda e, na opinião dele, o que proporcionou a Che Guevara sua imortalidade no imaginário social foi justamente esse vínculo.

Ernesto Guevara conquistou seu direito de cidadania no imaginário social de toda uma geração por muitos motivos mas antes de mais nada pelo encontro místico de um homem com a própria época. Nos anos 60, repletos de cólera e doçura, outra pessoa teria deixado um leve rastro; o mesmo Che, em outra época menos turbulenta, idealista e paradigmática, teria passado em branco. A permanência de Guevara enquanto figura digna de interesse, investigação e leitura não deriva diretamente da geração à qual pertence. Não brota da obra nem sequer do ideário guevarista; vem da identificação quase perfeita de um lapso da história com um indivíduo. Outra vida jamais teria captado o espírito da época; outro momento histórico nunca se reconheceria em uma vida como a dele.⁴⁰

Com uma perspectiva diferente, Bourdieu inclina-se a um determinismo, quando tende a homologar as condutas individuais e a confirmar os laços normativos. Por seu turno, Levi considera irreduzível a existência de certa liberdade de escolha da qual dispõem os agentes, frente às formas rígidas dos sistemas normativos. “Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo no entanto uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores”.⁴¹ E é também, através da biografia, que tais relações são melhor verificadas. Le Goff igualmente contraria Bourdieu quando diz ter eliminado “outro falso problema: a pretensa oposição entre o indivíduo e a sociedade”. O historiador francês acredita que o indivíduo, apesar de atrelado a uma sociedade fortemente constituída, é um agente e, como tal, tem o poder de interferir no meio em que vive – através da consciência. Do mesmo modo, “o conhecimento da sociedade é necessário para ver nela se constituir e nela viver uma personagem individual”.⁴²

³⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.176.

⁴⁰ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.15.

⁴¹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.179.

⁴² LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.26.

Schmidt entende que a articulação entre as trajetórias estudadas e os contextos onde elas se realizaram está presente tanto nas biografias históricas, quanto nas jornalísticas. O autor destaca que “uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a tensão, e não a oposição, entre o individual e o social”.⁴³ Por outro lado, ele diz que nos romances biográficos, em geral, as referências históricas servem mais para conferir verossimilhança à narrativa.⁴⁴ Nas biografias de Castañeda e Anderson percebe-se uma extensa pesquisa histórica. Os autores procuram analisar Ernesto Guevara não apenas através de documentos e entrevistas, mas também de bibliografia. Para tanto, uma pesquisa histórica é imprescindível, quando se pretende multiplicar as possibilidades de interpretação dos fatos. Referências históricas – como Cuba, Argentina, América Latina, África, Guerra Fria, entre outras – estão presentes nas duas biografias, na medida em que a narrativa dos fatos exige tais referenciais.

Jornalismo e História: características dos campos e relações configuradas na biografia

Jacques Le Goff defende que a biografia histórica deve, como um “avanço do pensamento e da prática históricas”, se diferenciar daquelas produzidas pelos romancistas. As biografias literárias, na opinião de Le Goff, não são menos importantes que as históricas. Cada campo do conhecimento tem suas particularidades. “O historiador optou, de fato, por submeter-se a uma pressão maior: a da documentação que dita a ambição e os limites de sua investigação. Difere nisso do romancista, mesmo quando o romancista se preocupa em informar a verdade do que pretende descrever”.⁴⁵

Da mesma maneira, Giovanni Levi acredita que a biografia impõe à história a forma narrativa e, esta, tende à literatura. Porém, as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, principalmente, porque, “livre dos entraves documentais”, a literatura comporta uma “infinidade de modelos e esquemas biográficos”.⁴⁶

⁴³ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2008. p.12.

⁴⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2008. p.7.

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.20 e 22.

⁴⁶ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.168.

Le Goff, na introdução de sua biografia sobre Luís IX, descreve a biografia como um modo particular de se fazer história. Além dos métodos intrínsecos à prática da história como “posição de um problema, busca e crítica das fontes, tratamento num tempo suficiente para determinar a dialética da continuidade e da troca, redação adequada para valorizar um esforço de explicação, consciência do risco atual da questão tratada”, a biografia revela novos problemas relacionados ao ofício do historiador “de um modo particularmente agudo e complexo”.⁴⁷ Porém,

que objeto, mais e melhor que uma personagem, cristaliza em torno de si o conjunto de seu meio e o conjunto dos domínios que o historiador traça no campo do saber histórico? [...]. É preciso, verdadeiramente, mais do que em qualquer outro objeto de estudo histórico, saber respeitar aqui as falhas, as lacunas que a documentação deixa, não querer reconstituir o que os silêncios de e sobre São Luís escondem, também as descontinuidades e as disjunções, que rompem a trama e a unidade aparente de uma vida.⁴⁸

Alceu Amoroso Lima definiu o gênero literário como sendo “um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas”. O gênero literário é um setor da literatura. Porém, o que diferencia a literatura da história é, além das especificidades de seus objetos e, mais especificamente, o tratamento dado a eles, o valor da palavra. Na literatura, a palavra tem valor de fim e não apenas de meio. Na história, a narrativa é uma necessidade para se atingir outro objetivo.⁴⁹

Contudo, Lima recusa a idéia de valor da palavra como um fim puramente estético na literatura, pois “ela faz dos meios um fim, mas sem excluir outros fins”. É desse modo que o autor entende o jornalismo como um gênero literário. “O jornalismo tem sempre, por natureza, um fim que transcende ao meio. E por isso, sempre que esse reduzir o meio a um simples instrumento de transmissão, deixará de ser jornalismo para ser apenas propaganda, noticiário ou anúncio”.⁵⁰ Lima, apesar da controvérsia de vários autores, acredita que o jornalismo é um gênero literário quando:

⁴⁷ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.20.

⁴⁸ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.21.

⁴⁹ Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p.18-19.

⁵⁰ LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p.22-23.

apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido lato, de tudo o que vem no jornal, na sua forma escrita, ou no studio, em sua forma oral. Sendo literatura, por se enquadrar dentro da definição dessa atividade humana, não se confunde com qualquer outro gênero literário, distinguindo-se deles pela marca específica de ser uma apreciação em prosa dos acontecimentos.⁵¹

Sendo assim, a biografia se assemelha ao jornalismo literário, na medida em que preza pelo discurso tendo em vista um objetivo maior, o biografado. Afinal, uma (boa) biografia não é apenas o relato cronológico dos acontecimentos principais de uma vida.

Mas, o que torna uma biografia histórica, literária ou jornalística? O valor aplicado na expressão verbal pode ser um fator de diferenciação, mas não é o único. É preciso levar em consideração o conjunto da obra, sua metodologia e teoria. No entanto, essa não é uma tarefa fácil, haja vista a transdisciplinaridade de uma biografia.

Delimitar as fronteiras entre os vários gêneros ou subgêneros da biografia tem sido preocupação de diversos campos do conhecimento acadêmico. Dessa maneira, Benito Bisso Schmidt analisa a biografia como uma fronteira entre a história e a literatura. Ao longo dos anos, a recusa, principalmente, da narrativa pelos historiadores acarretou o distanciamento entre biografia e historiografia. Hoje, segundo Schmidt, o discurso histórico assume a importância da narrativa, ou seja, “o historiador não pode mais ser indiferente às figuras de linguagem que aciona, aos recursos estilísticos que utiliza, aos tempos verbais que entrecruza, pois são eles que dão sentido à narrativa, e não algo que é exterior a ela”.⁵²

Schmidt aponta um recurso narrativo muito utilizado por historiadores e jornalistas em suas biografias – o *flashback*. E nas duas biografias de Ernesto Guevara pode-se notar, também, esse elemento narrativo. Os dois biógrafos, antes de começarem a ‘de fato’ biografar, descrevem detalhes póstumos de seu personagem e, conseqüentemente, suas repercussões. Castañeda focou a preparação do cadáver do Che em Vallegrande e como sua imagem convertera-se no mito do “Cristo de Vallegrande”, causando um impacto memorável. Por sua vez Anderson evidenciou o episódio do sepultamento secreto de Che, com uma confissão inédita do general Mario Vargas Salinas.

⁵¹ LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969. p.64.

⁵² SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/bisso.rtf>>. Acesso em: 15 julho 2008. p.197.

Jean Lacouture analisou o jornalismo como uma prática muito semelhante à história imediata, “cujos componentes irredutíveis são, a um só tempo, proximidade temporal da redação da obra em relação ao tema tratado e proximidade material do autor em relação à crise estudada”. Porém, a escassez de suas fontes e a raridade dos cruzamentos a que pode proceder, além da manipulação de poucos fatos, observações, casos – geralmente relacionada à operação jornalística – vão além do que Lacouture define como imediatismo.⁵³ Apesar da história imediata possuir inúmeros contrastes com a inteligibilidade da operação histórica, aquela não é um enfoque dispensável a esta, pois apresenta certas virtudes no seu modo de conceber um acontecimento.

Na medida em que um biógrafo concede voz às pessoas que tiveram relação com o seu biografado e os acontecimentos que o circundaram, ele está propenso a produzir uma obra subjetiva e pouco reflexiva. Entretanto, a maneira como o faz é que ditará sua qualidade. Quanto maior for a quantidade de fontes examinadas e os possíveis diálogos entre elas, maior será a credibilidade do biógrafo e a “veracidade” de sua obra. É fundamental, também, abordar diferentes aspectos de uma questão, independentemente de sua intenção biográfica, a fim de evitar, o quanto for possível, um texto tendencioso. Assim, o testemunho dos próprios protagonistas não prejudica a objetividade dos fatos. Além disso, um biógrafo, enquanto distante – na maioria das vezes – temporalmente do que escreve, tem maior aptidão para levar em consideração todas essas questões, como bem lembra Castañeda ao analisar sua própria situação de biógrafo:

Alguns leitores poderão se perguntar: como alguém que não viveu a época aqui resenhada, e não conheceu os personagens aqui descritos, se atreve a contar esta história? Assumo plenamente minha deficiência: eu não tinha nem quinze anos quando o Che morreu, e suas façanhas e desgraças aconteceram antes de eu chegar à idade da razão. [...] Mas a distância também tem suas vantagens. Talvez quem não conheceu de perto aqueles anos de chumbo e glória possa narrá-lo com maior objetividade e precisão do que as pessoas que os sofreram na própria carne. [...] A história é feita por seus protagonistas, mas escrita pelos escritores: truísmo doloroso, mas irrefutável.⁵⁴

⁵³ Cf. LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (org) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p.216 e 218.

⁵⁴ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.12.

Ao criticar a atividade jornalística, Lacouture propõe um ideal que muito se assemelha a uma operação histórica. O trabalho do jornalista, enquanto imediatista, será tanto melhor quanto mais esclarecer suas orientações. É na medida em que manifesta sua busca por imparcialidade que o jornalista, em sua pesquisa, se aproxima de uma operação historiográfica. Apesar de o ofício jornalístico apresentar constantes conflitos em relação ao tempo (o ‘furo’ da notícia, a periodicidade), o que Lacouture aponta como principal defasagem é o pouco rigor com que o jornalismo lida com as fontes. Por mais curto que seja o prazo dado para “esclarecer” um acontecimento, a diversidade das fontes e a amplitude da documentação que permitam cruzamentos e verificações devem ser prioridade para um trabalho jornalístico de qualidade.⁵⁵

De acordo com o jornalista Manuel Carlos Chaparro, o jornalismo, enquanto processo social de comunicação, situa-se no campo da pragmática. A intenção é o componente que confere ao texto jornalístico seu equilíbrio e unidade. Para isso, a ética, a técnica e a estética devem estar atreladas a essa intenção. “Se a intenção controla conscientemente a ação, quando se trata de comunicação social, em especial quando a ação está na esfera da informação de interesse público, a intenção impõe o caráter moral à ação, e esse caráter moral, por sua vez, deve estar conectado a um princípio ético orientador”. Será a ética que conduzirá satisfatoriamente as escolhas e administração das técnicas criativas do fazer jornalístico, tendo em vista a elaboração estética. Segundo Chaparro, a estética do jornalismo baseia-se no relato veraz, ou seja, sua forma não deve comprometer a veracidade de seu conteúdo.

“No jornalismo, as ações, os fazeres e seus contextos são de alta complexidade, pois se trata de um processo social e cultural de intermediação, com múltiplos emissores produtores (de informações e opiniões) e receptores usuários”. Daí a preocupação, no jornalismo, com a confecção do texto, em torná-lo claro, conciso e objetivo, para que assim possa atingir um número maior de leitores.

Para Chaparro, o interesse é o parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação, sendo despertado no receptor conforme os atributos de relevância, presentes em um texto jornalístico. O autor aponta como principais atributos de relevância oito elementos: atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, conseqüências, curiosidade, dramaticidade e surpresa. “E quanto mais vigorosos forem os atributos de relevância social da informação, maior será a dimensão do interesse público atendido”.⁵⁶

⁵⁵ Cf. LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (org) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 230-231.

⁵⁶ CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994. p.17-18; 21 e 118.

Se levarmos em consideração essa idéia de “interesse”, pode-se identificar na biografia de Anderson vários atributos de relevância, que despertam a curiosidade no leitor e tornam a leitura mais atrativa. Já no início da obra ele introduz um elemento de curiosidade que trata do perfil “teimoso e decidido” de Ernesto Guevara, relacionando-o ao seu signo de nascimento:

O horóscopo causava certa confusão. Se o famoso guerrilheiro revolucionário, Ernesto “Che” Guevara, houvesse realmente nascido em 14 de junho de 1928, como constava de sua certidão de nascimento, seria do signo de Gêmeos – e, além disso, sem nada de extraordinário. A astróloga, uma amiga da mãe de Che, refez seus cálculos em busca de algum erro, mas chegou aos mesmos resultados. O “Che” que aparecia em suas análises era uma personalidade sem brilho, dependente, que levava uma vida que nada tivera de especial. [...] Quando lhe mostraram o horóscopo, a mãe de Che deu uma risada. [...] Na verdade, seu filho famoso nascera um mês antes, no dia 14 de maio. Ele não era de Gêmeos coisa nenhuma, mas sim um taurino teimoso e decidido.⁵⁷

Outro exemplo, agora de cunho mais dramático, é o depoimento de Felix Rodríguez, um dos envolvidos na morte de Che:

[...] a herança mais estranha de todas foi a respiração curta que adquiriu pouco depois de chegar a Vallegrande. “Quando caminhava no ar fresco da montanha, dei-me conta de que estava guinchando e com dificuldade para respirar”, escreveu Rodríguez 25 anos depois. “Che podia estar morto, mas, de alguma maneira, sua asma – moléstia que nunca tivera na vida – tinha passado para mim. Até hoje, minha respiração cronicamente curta é uma recordação constante de Che e de suas últimas horas de vida na cidadezinha de La Higuera”.⁵⁸

Esses trechos são um exemplo de como deixar um texto mais interessante, na medida em que prende a atenção do leitor com elementos discursivos menos factuais. Enfim, apesar de possíveis peculiaridades, há elementos fundamentais do discurso jornalístico: “Do ponto de vista dos jornalistas, as fontes devem ser tão credíveis que a informação fornecida exija o mínimo possível de controle.

⁵⁷ ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. p.19.

⁵⁸ ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997. p.850.

Caso contrário, a notícia teria de ser verificada a partir de, pelo menos, duas fontes diferentes, mas se a informação puder ser explicitamente atribuída a uma única fonte, o problema da credibilidade passa do jornalista para a fonte explicitamente citada na notícia.”⁵⁹

Percebe-se, aqui, que a grande preocupação no jornalismo é o que Chaparro chama de “asseveramento” (do latim *asseverare* – afirmar com certeza, segurança) da informação, “ato de fala próprio do jornalismo”.⁶⁰ A credibilidade da notícia é, nesse caso, mais importante que a crítica às fontes utilizadas. A busca pela credibilidade está presente em obras históricas e jornalísticas, mas o que difere entre elas é o modo como proporcionam essa credibilidade. Na história, a credibilidade está, justamente, no confronto das fontes. Nenhuma fonte está livre de isenção, já que ela é produto intencional de uma sociedade.

Isso não quer dizer que o historiador saiba lidar melhor com a problemática das fontes, mas seu rigor é maior, sobrepondo o ato de asseverar à “veracidade” das fontes e, assim, conseqüentemente, atingindo sua credibilidade. De acordo com o historiador Paul Marie Veyne, “a história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso”. E, sendo uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, já que o vivido se dá através da narração. A história, assim como o romance, seleciona, simplifica e organiza um texto, tornando a narrativa inteligível. Desse modo, os eventos, concretizados na narrativa, são sempre apreendidos de maneira indireta e incompleta, ou seja, compreendidos somente através de indícios. Assim, se a história é, por essência, conhecimento mediante documentos, a narração histórica situa-se além desses documentos, pois nenhum indício pode ser o próprio evento. Contudo, Veyne acredita que a história, enquanto narração, distingue-se do romance por ser impreterivelmente verídica. Não quer dizer que o romance também não represente elementos do que se pode chamar consensualmente de “realidade” ou “verdade”, porém, a narrativa histórica, ao priorizar ao máximo a fidedignidade dos fatos, dispensa, muitas vezes, a ambição de ser cativante. “Uma história que tenha a pretensão de ser cativante não consegue ser mais do que um pasticho”.

Mais do que apenas narrar, a história deve explicar e esta explicação não é mais do que a maneira como a narração se organiza em uma trama compreensível. Assim, a explicação histórica é o que Veyne chama de compreensão, que é “somente a clareza que emana de uma narração suficientemente documentada”.⁶¹ Sendo assim, pode-se constatar que, na

⁵⁹ WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Portugal: Editorial Presença, 2003. p.225.

⁶⁰ CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994. p.113.

⁶¹ VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. p.11; 15 e 53.

concepção de Veyne, não há oposição entre narrativa e história, já que esta, necessariamente, só pode se concretizar enquanto uma narração. Porém, a compreensão de um texto histórico se dá a partir do seu compromisso com o documento e a “verdade”.

Sergio Vilas Boas entende que o livro biográfico, por ser uma história longa, apresenta muitas possibilidades de “ruídos dispersivos”. Então um biógrafo deve elaborar com cuidado a fluência de um texto, transcorrendo com naturalidade e estabelecendo nexos de uma passagem para outra. Desse modo, evita-se a dispersão no momento da leitura. “A redundância – mediante a inserção do mesmo dado, mas de modo diferente a cada vez, ao longo do texto –, a inclusão inesperada de dados novos ou a reordenação criativa de dados conhecidos”, são elementos que facilitam estruturar uma narrativa, de modo a torná-la compreensível.⁶² Diferentemente de Veyne, o autor acredita que, sem o emprego de recursos relacionados à elaboração, estruturação e montagem de um texto, dificilmente a fluidez será atingida.

A partir das idéias desses dois autores, pode-se deduzir que o gênero biográfico, por seu modo peculiar, necessita de uma narrativa que dê conta dos aspectos apresentados tanto por Veyne quanto por Vilas Boas. A biografia deve priorizar a veracidade de um evento em uma narrativa bem estruturada. Em suma, essas idéias, aparentemente opostas, remetem-nos ao modo peculiar de se produzir uma biografia, e elas podem combinar-se, em vez de se oporem.

Segundo Nanami Sato, o relato jornalístico, apesar da vocação para o “real”, apresenta contornos ficcionais inerentes à sua prática. E, para comprovar essa idéia, a autora parte do princípio jornalístico em criar a “aparência do acontecer em curso”, ou seja, uma narrativa que comporte a sensação de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura.

Para a professora de Língua Portuguesa, essa técnica narrativa é, de certa maneira, uma ficção. Além disso, o jornalismo, sendo um produto industrial, utiliza “esquemas para captação de notícias”, dos quais a fonte é um dos principais. “As fontes podem constituir posições estereotipadas; freqüentemente, com a consulta a especialistas, a ação quase não aparece, apenas a linguagem como reforço, como redundância”.

Outro elemento ficcional da prática jornalística apontado pela autora é o que ela identifica por ‘ilusão cronológica’. Através de um tempo ficcional gradativo, o jornalista seleciona certas partes de um acontecimento que considera significativas, substituindo o “real” por um “real representado”.

Além do mais, “a preocupação com coleta de dados evidentes preenche o texto com pormenores descritivos, causando a impressão de que o real con-

creto basta a si próprio”.⁶³

De modo semelhante, o sociólogo e jornalista Juremir Machado da Silva diz que só é verossímil aquilo que, ao ser expresso, inclui alguma falsidade e, para ele, “o jornalismo, como construção de texto, precisa falar do verdadeiro, sem falsidade, mas com verossimilhança”. Dessa forma, o texto jornalístico possui elementos ficcionais, na medida em que se utiliza de certa deformação para atingir um conteúdo eficaz.⁶⁴

Nota-se, a partir desses autores, que a própria narrativa é uma forma de ficção. Então, nenhuma forma de expressão escrita está isenta de certa subjetividade. Por mais rigorosa que seja a produção de uma biografia, os elementos ficcionais estarão sempre presentes na própria narrativa.

Schmidt também trata do conteúdo ficcional em biografias, porém, dando maior ênfase ao aspecto da imaginação do biógrafo. Ele acredita que, por dever de ofício, os historiadores têm maior compromisso com o “mundo real”, enquanto os jornalistas e literatos podem contar com uma margem muito mais significativa de invenção. Isso não quer dizer que as biografias escritas por jornalistas e literatos não tenham compromisso com as pesquisas documentais, mas seus compromissos são diferentes daqueles que se impõem aos historiadores. “Afinal, parodiando Thompson, as interpretações realizadas pelos historiadores devem ser sempre julgadas pelo ‘tribunal de apelação da história’: o passado e seus vestígios”. Além do mais, as biografias históricas podem recorrer à imaginação, “desde que esta seja explicitada ao leitor enquanto tal e balizada pelas fontes disponíveis”. Schmidt pontua que expressões como “provavelmente”, “talvez” e “pode-se presumir”, é uma maneira de sinalizar ao leitor esses momentos de invenção.⁶⁵

E é dessa forma que Castañeda procura interpretar os fatos, assinalando sua opinião sempre que as fontes não o permitem afirmar com certeza. Um exemplo está na tentativa do autor em entender o motivo da indiferença e contradição de Che ante o governo de Juan Domingo Perón:

⁶³ SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (org) *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.31-32.

⁶⁴ Cf. SILVA, Juremir Machado da. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (org) *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.49-50.

⁶⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/207.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2008. p.15-16.

[...] Só podemos especular sobre os motivos do “aperonismo” juvenil de Guevara. Obviamente, o vínculo com os pais, em particular com Celia, cuja animosidade contra o regime populista era muito mais veemente que a do marido, desempenhou um papel crucial. É possível que a própria dificuldade para conviver com emoções e pontos de vista conflituosos, que detectamos a propósito da asma, tenha tido uma função significativa no distanciamento do Che da política universitária.⁶⁶

“O biógrafo pode atingir a ‘totalidade’ da *personae escrita*?” De acordo com as considerações de Sergio Vilas Boas, a resposta é não. O autor discorda da opinião de biógrafos que dizem produzir uma biografia completa de seu personagem, considerando tal pretensão uma “condição de mito e utopia”. Uma biografia é resultado das escolhas de seu biógrafo, quanto à seleção das fontes e “um autor que extrai tudo de tudo pode estar-se escondendo no fato de não ser capaz de assumir sua responsabilidade pela seleção criteriosa”. Escolher o fato mencionável ou a citação exige habilidade por parte de um autor, além de apresentar perigo, quando o resultado dessas escolhas tende a distorcer a imagem do sujeito.

Porém, esse conceito de “totalidade” não é muito limitado, já que Le Goff, ao utilizar também essa conceituação em sua biografia, entende-a de modo bem diferente. Para esse historiador, a tentativa de “totalidade” de um indivíduo está relacionada com o processo de produção biográfica. Mais do que narrar a trajetória de seu personagem, uma biografia que tente se aproximar de uma “totalidade” deve analisar todos os aspectos que utiliza, desde as próprias fontes até a metodologia aplicada. Sua biografia de Luís IX está dividida em três partes que abrangem não apenas São Luís, mas também sua relação com os principais aspectos que o interpretaram, conforme pondera:

E não é possível compreender todos os componentes, toda a riqueza de um indivíduo sem religá-lo ao conjunto de valores da sociedade em que viveu, da qual ele recebeu uma marca e que *volens nolens* marcou retribuindo sua ação e sua imagem. [...] Procurei, nessas três perspectivas e nesses três níveis, o dos acontecimentos e o da cronologia, o da crítica fundamental das fontes de produção da memória e o da idéia de individualidade e, por fim, o dos valores da sua época, realizar o que chamei de maneira talvez por demais ambiciosa de uma biografia total.⁶⁷

⁶⁶ CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.52.

⁶⁷ LE GOFF apud VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus Editorial, 2002. p.135.

Visto isso, a biografia de Anderson tenta reconstituir toda a vida de Ernesto Guevara, priorizando todas as fases do desenvolvimento do personagem. O autor procura acompanhar sua trajetória lentamente, introduzindo indicativos que vão construindo cronologicamente a personalidade e o decorrer dos acontecimentos de seu personagem. A construção da narrativa é semelhante a uma história (romance), com poucos momentos de interpretação explícita do autor. Para compor a biografia, Anderson dividiu-a em três partes: “Juventude Agitada”, “Tornando-se Che” e, por fim, “Criando o Novo Homem”, que relatam cada fase de Che até o momento de sua morte. Esses três níveis que compõem a biografia indicam o objetivo de Anderson quanto à produção de sua obra, ou seja, narrar a vida de Che minuciosamente, acompanhando o fazer-se de seu personagem. Sua biografia é mais descritiva do que analítica (difere principalmente nesse aspecto da biografia de Castañeda, que informa menos seu protagonista e analisa mais sua vida).

Percebe-se então que Anderson tenta atingir a totalidade de seu biografado na medida em que abrange uma infinidade de aspectos em cada uma das fases de Che. Esse autor, ciente de seus limites, tenta superar a perspectiva de Vilas Boas, porém seu conceito de totalidade é bem distinto daquele proposto por Le Goff.

Considerações finais

Independente do objetivo (perspectiva) de Castañeda e Anderson, o personagem é o mesmo e as fontes utilizadas são, em sua maioria, também as mesmas. O que os diferencia é, certamente, a produção biográfica, ou seja, a maneira pela qual cada autor desenvolveu sua obra. A intenção deste artigo foi, justamente, levantar as inúmeras possibilidades que um biógrafo tem a sua disposição na elaboração de uma biografia. O produto final – obra biográfica – pode ser completamente diferente, mesmo quando se trata de um mesmo indivíduo (o que não é o caso das duas biografias analisadas neste artigo). Nos dois livros aqui examinados foi possível verificar diferenças e semelhanças que não os opõem por completo. As diferenças sejam, talvez, resultantes da peculiaridade dos ofícios de cada um desses biógrafos – principalmente no modo como ambas as biografias foram narradas. Mas também há semelhanças próprias do gênero biográfico, como a relação do indivíduo com o seu contexto e a atribuição de sentido às ações do personagem principal. Contudo, uma não é melhor que a outra, visto que não cabe, frente a condições metodológicas distintas, este tipo de julgamento de valor. O confronto aparente, proposto neste artigo, entre historiadores e jornalistas tem como principal intuito desvelar o cunho interdisciplinar do gênero biográfico. Os jornalistas têm muito a aprender com os historiadores e, estes, por sua vez, têm muito a aprender com as práticas jornalísticas.

Enfim, a biografia é, por si só, um gênero único, capaz de proporcionar a esses dois campos do conhecimento (Jornalismo e História) um modo muito peculiar de ‘desafiar’ as práticas de seus ofícios. É uma oportunidade de explorarem os limites impostos, para autocrítica e reflexão, como um avanço de suas práticas próprias. Por isso, a biografia deve ser interpretada a partir de todos os elementos, teóricos, metodológicos e narrativos, que o Jornalismo e a História podem proporcionar.